



Crepúsculo¹

Odair Pedroso Mateus*

Para a S.

Numa noite de vento sem estrela, numa escura capela da costa inóspita da Irlanda do Norte, perguntei-me diante de uma vela chamejante se a amargura da temporalidade, filha da espessura sem fim da memória, não suscitaria o desejo da própria finitude. Seria a aspiração à finitude a consolação extrema paradoxal para a amargura da própria finitude? Sorrio. Sessenta anos atrás, na prisão a caminho da morte, alguém da grande nuvem de testemunhas começou assim um verso: "Permite que esta vela que chameja / um bom sinal de Ti na treva seja..." Sorrio. "Não nos deixe cair em tentação..." Afinal religiões são danças do escárnio da mortalidade e para a tradição espiritual que me acalenta, que proclama o perdão original e toma sobre si meu jugo, a memória é uma irmã mais nova da promessa. Sorrio. Haveria questão menos maraschiniana? Uma vez, escrevendo sobre o mesmo assunto para a mesma revista, eu comecei pela noite e pela memória e ele pelo *carpe diem*.

I. Hermenêutica

Teria sido a hermenêutica? Nos primeiros tempos da pós-graduação da Metodista, a formulação contemporânea do problema da interpretação dos textos antigos representava, para o leitor de Heidegger e Sartre, uma questão distinta e ao mesmo tempo inseparável da fenomenologia pois segundo o conhecido cânon existencialista do século passado *verstehen* e *auslegung* são constitutivos não do *existentiel* mas do *existential*. Para o jovem pastor presbiteriano ela representava, depois da desobjetivação kantiana do conhecimento e depois da construção marxiana, nitzscheana e freudiana da ilusão liberal da consciência transparente a si mesma, mais um argumento

¹ **Nota do Editor:** Quando este artigo em homenagem ao Revd. Jaci Maraschin chegou, a revista n. 8 já estava pronta. Estamos disponibilizando-o na internet. O artigo será publicado na revista de número 9, em novembro/2004.

* Teólogo e pastor presbiteriano independente. Foi secretário-geral da ASTE. Atualmente é secretário geral da AMIR (Aliança Mundial de Igrejas Reformadas)



humano (pois creio haver os divinos) para a crítica dessa doença infantil do protestantismo chamada fundamentalismo.

Desde então, as intuições subjacentes à formulação contemporânea do problema da interpretação começaram a aparecer cada vez mais, *a contrário*, no centro e na periferia do espaço ocidental, como aurora de um ocaso: o poente em que se reúnem o dogma de um mundo cujas estruturas metafísicas podem ser pensadas logicamente como verdade, o messianismo do progresso linear mediado pela submissão da comunidade-terra à ciência e à tecnologia que nos transformou em Titanic a caminho do iceberg, a reificação da simbólica cristã em verdades de tipo matemático protegidas por instituições que exerceram e exercem a violência em nome da caridade; o projeto colonial que tornou obsoleto o plural da palavra “civilização” e, assim, abriu caminho para a mundialização do protestantismo e a emergência do movimento ecumênico, inspirado em parte pela noção moderna de que o novo um universal era urgentemente preferível aos antigos múltiplos locais.

II. Libertação

Talvez tenha sido a causa da libertação. O que o existencialismo e a hermenêutica fizeram por uns, a infância na periferia, o trabalho adolescente, os cavalos da ditadura em coma no centro de São Paulo ou o curso noturno de teologia do Seminário da IPI podem ter feito por outros. Aluno de hinologia do Professor Faustini, escrevi um dia ao nosso Sarah Kalley fazendo algumas perguntas sobre a canção do Senhor na terra brasileira para um trabalho semestral. Na resposta curta e grossa nosso “poeta sacro” se confessou corrompido pela ideologia dominante.

Crítico de si mesmo pelo menos uma vez na vida, sua resposta me surpreendeu. Corrompido? Versos sobre as boas-novas do Reino me contavam então outra história. Estes, bíblicos, sobre o mistério natalino da encarnação: “Onde estás, tão pequenino, / Tu que vieste para amar? / Onde estás Jesus menino? / Nós queremos te encontrar. / Eu estou entre os sedentos / de justiça e caridade, / entre os pobres e detentos / e os que sofrem de orfandade, / entre os muitos perseguidos / pelas forças da opressão / entre os tristes e perdidos, / sem amor, sem lar, sem pão”. Ou estes, inesquecíveis, sobre a Ceia do Senhor livre da escravidão individualista e espiritualizante: “Senhor, que os nossos pratos, / numa terra dividida, / um dia se dividam / numa terra reunida”.



Um dia Gustavo Gutiérrez me disse que relendo seu *Teologia da Libertação* ficou impressionado com a quantidade de vezes em que empregara termos ligados ao campo semântico da palavra graça. Nas margens do mundo evangélico brasileiro, entre Havana, Santiago, Manágua, São Bernardo do Campo e no fim Berlim, o termo libertação articulou a luta pela justiça social, o combate pelos direitos humanos, e a contextualização da espiritualidade e da inteligência da fé. Muito além dos rótulos de correntes teológicas que necessariamente vão e vêm, pastoras e pastores, compositoras e compositores, professoras e professores de seminários, estudantes de teologia e líderes de juventude viveram um despreendimento chamado gratuidade, encarnaram o inconformismo protestante e puseram em prática o preceito reformado da responsabilidade cristã pela coisa pública. Honraram o protestantismo quando alguns protestantes preferiam honrar o SNI. Alguém dirá que elas e eles escolheram os pobres, mas os pobres acabaram escolhendo o neopentecostalismo. E daí? Elas e eles escolheram não para serem escolhidos...

III. Culto

Foi certamente o culto. Sucessor do mestre Faustini na cadeira de liturgia no Seminário de São Paulo da IPI, tentei inscrever nossas práticas litúrgicas na grande tradição que se expressa, por exemplo, na liturgia de Lima e, ao mesmo tempo abrir-las à corporeidade, à participação da assembléia e às culturas e lutas populares dos anos da redemocratização. Por isso nos encontramos.

Talvez a maior riqueza da nossa colaboração litúrgica tenha sido a prática insistente da convicção inesperada de que o momento novo da libertação para o qual Deus chamava a gente pedia não o abandono da simbólica legada pela grande tradição mas sua reapropriação digamos protestante, isto é, informada por uma experiência da Palavra num tempo e lugar que exigiam novos atos simbólicos de confissão. Não foi de modo semelhante que surgiram a missa alemã de Lutero em 1526 e – com um grau maior de iconoclastia bíblica – as formas calvinianas da oração entre Estrasburgo-1537 e Genebra-1541?

Vestígios dessa convicção insólita podem ser encontrados nas ordens de culto reunidas no caderno *Vida na Terra*, nas peças musicais reunidas no hinário *O Novo Canto da Terra* ou no título programático da primeira parte de



A Beleza da Santidade: "Antigos e Modernos", na tradução e publicação em português (sem remuneração!) de *Jesus Cristo, Vida do Mundo*, livro de culto da assembléia de 1983 do Conselho Mundial de Igrejas, ou o sonho irrealizado de publicar no Brasil *The Shape of the Liturgy*, de dom Gregory Dix. Mas nenhum outro vestígio foi tão perceptível quanto o culto na Comunidade da Libertação. Naqueles domingos mensais sob o amparo de Dom Sumio, como dois missionários entre órfãos das igrejas evangélicas, tentamos provar que libertação não precisava rimar com secularização buscando em objetos e estilos culturais dos anos oitenta pontos de contato com a sabedoria da fé. Mas o sol vai se pondo manso e suave sobre as grandes instituições eclesíásticas que tradicionalizam os símbolos cristãos milenares e, em muitos lugares do grande sul e em poucos e cada vez mais numerosos do grande Norte, a aurora ilumina o rosto do que parece ser uma nova religião vitoriosa. O cristianismo.

IV. Teologia

Claro, foi também a educação teológica. Nossas histórias são inseparáveis da decisão do Conselho Missionário Internacional, tomada em Accra em 1958, de criar o Fundo de Educação Teológica para contribuir para a consolidação das "jovens igrejas" do sul por meio de um "ministério caboclo" que exigia educação teológica local consolidada e, por isso mesmo, formação de professores, expansão de bibliotecas, tradução de obras de referência e cooperação entre as novas escolas teológicas. Resumindo: exigia a instrumentalidade conciliar de associações de seminários teológicos evangélicos. Por isso, "nós passamos pela Aste e a Aste passou por nós".

O programa do "ministério caboclo" pressupunha comunidades eclesiais para as quais a dimensão reflexiva da fé, a interpretação rigorosa da Palavra, era constitutiva da confissão e do testemunho públicos. Nesse sentido ele via o futuro eclesial no sul como prolongamento contextualizado do então presente eclesial do Norte. Entre o nosso proverbial conservadorismo teológico, próprio a antigas minorias religiosas, e a competição impiedosa pela hegemonia no mercado religioso exercida pela vasta nebulosa neopentecostal-evangélica, o espaço da dimensão reflexiva que identifica o protestantismo continua se reduzindo e a educação teológica procura sua sobrevivência ou como educação religiosa ou como tecnologia do crescimento quantitativo, estatístico, das igrejas.



Mas como o crer no capitalismo tardio se liga cada vez menos ao sentido último da existência (salvação) e cada vez mais à auto-ajuda, essa perplexidade protestante não é nosso apanágio. As escolas teológicas norte-americanas, mesmo as que estão sentadas em endowment funds de milhões de dólares, precisam atrair potenciais consumidores de educação teológica - candidatas e candidatos ao ministério cristão - e, assim, são tentadas a colocar no mercado novos produtos teológicos voltados primariamente para o church management. As veneráveis faculdades de teologia do que o nosso amado irmão presbiteriano Don Rumsfeld chamou de "velha" Europa se inclinam lentamente ao divórcio entre a juventude e as igrejas históricas, a alguns efeitos orçamentários colaterais e inesperados do crescente pluralismo cultural e religioso e ao fetiche neoliberal da redução dos gastos públicos. Enquanto escrevo, três pequenas faculdades de teologia das redondezas que contribuíram para o catálogo da Aste - Genebra, Lausanne e Neuchatel - lutam para sobreviver autônomas e complementares, como se fossem apenas uma. Penso no hino "Vai fugindo o dia..."

V. Ecumenismo

Foi também o movimento ecumênico. Quem pode pensar e pôr em prática projetos cristãos globais, que tenham a ver com toda a "terra habitada sem fronteiras"? Presumivelmente quem pensa no interior dos meios de acesso a "toda a terra habitada". Onde é o interior dos meios de acesso a "toda a terra habitada"? Nos grandes centros do ou dos impérios mundiais. A linguagem do ecumênico, do globalizado, é uma decorrência da condição impérial. César Augusto convocou a oikumene para recensear-se. Os concílios ecumênicos dos primeiros séculos não poderiam ser pré-constantinianos. Roma tinha um projeto ecumênico nos séculos 15 e 16: o reino de Deus por Portugal e Espanha. O império britânico e o atual, que se alimenta cada vez mais das



nossas liberdades para manter seu suprimento de energia e sua segurança interna, mundializaram o protestantismo e, como já sugeri, criaram as condições objetivas que facilitaram o ressurgimento do projeto ecumênico cristão.

Mas as idéias de uma época não estão condenadas a servir apenas à classe dominante dessa época. Especialmente se alcançadas pelo poder de boas-novas. Inseparável do império em sua forma e em suas origens, a noção de "toda a terra habitada sem fronteiras" foi transfigurada por outra, evangélica, do desígnio divino de plena comunhão com a comunidade-terra e, portanto, da queda dos muros entre judeus e gentios, homens e mulheres, sagrado e profano. O testemunho cristão obediente do desígnio divino de comunhão atestado nas Escrituras, isto é, a evangelização, exige, portanto, não somente a queda dos muros que separam as igrejas cristãs, mas a queda de outro muros igualmente teológicos – e sistêmicos – como os que continuam separando ricos e pobres.

Os que como nós trabalham na queda dos muros que separam as igrejas cristãs através de diálogos teológicos internacionais têm experimentado, nos últimos anos, os limites do engajamento ecumênico motivado pela evangelização obediente. A verdade doutrinária como reprodução autêntica do mistério divino (idolatria?) formulada, administrada e tutelada pelo poder de instituições eclesiásticas que se sabem humanas mas que se auto-afirmam e se comportam como divinas (idolatria?), está nos levando a um impasse em que discussões ecumênicas cheias de linguagem diplomática se perpetuam como fins em si mesmas, sem resultados eclesiais, enquanto as próprias comunhões envolvidas experimentam dentro delas mesmas, como os episcopais-anglicanos bem sabem, novas divisões que os teólogos "oficiais" parecem acreditar serem secundárias...

O que dizer do futuro do Conselho Mundial de Igrejas, instrumento privilegiado do movimento ecumênico, um ano e meio antes de sua próxima assembléia no Brasil? Seu futuro parece suspenso, de um lado, a um certo ocaso da tradicional influência protestante mediado principalmente pela substituição do método parlamentar-ocidental de tomada de decisão pelo método de consenso – o que talvez manteria a família ortodoxa no CMI e o



impediria de se transformar em uma mera associação protestante – e, de outro lado, a uma extensa “reconfiguração” institucional, programática e orçamentária que envolveria, por exemplo, conselhos nacionais e regionais de igrejas, agências ecumênicas de recursos, organismos confessionais internacionais, a fim de clarear o que virou um grande cipoal ecumênico e de identificar novas sinergias que permitirão a um número cada vez maior de atores ecumênicos, disputando recursos financeiros e humanos cada vez mais limitados (aqui mora um dos grandes problema hoje), fazer mais e melhor. Os dois assuntos estarão na agenda de Porto Alegre 2006. Oremos. “Do dia ao fim, / após os teus líderes, / relembra...”.

Odair Pedroso Mateus, Junho de 2004